

# GUERRA DOS BÁRBAROS

("Peleja entre os Índios e os Colonizadores  
no Nordeste Brasileiro")

Autores

Manoel Inácio

Raimundo Filho (*Pequeno*)

Gerardo Carvalho (*Parda*)



*Xilogravura de Otávio Menezes*

## “GUERRA DOS BÁRBAROS”

(“Peleja entre os Índios e os Colonizadores no Nordeste Brasileiro”)

Autores:

Manoel Inácio

Raimundo Filho (PEQUENO)

Gerardo Carvalho, (PARDAL)

Num tempo em que todo o mundo

Está pra comemorar

500 anos de América

Queremos lhe convidar

A fazer u'a reflexão

Sobre o que vamos narrar.

Prezado leitor amigo

Veja bem preste atenção

A história que contaremos

Tem aqui nova versão

Bem diferente daquela

Que na escola foi lição.

Portugueses e franceses

E holandes aqui chegaram

Nós aprendemos na escola

Que a terra vazia acharam

E assim o povoamento

Logo logo iniciaram.

Diz a história oficial

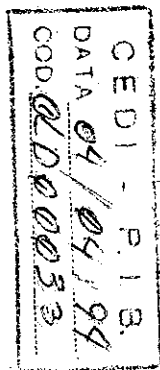
Que os tais colonizadores

Eram homens de boa índole

Homens pacificadores

Mas nada disso é verdade

Pois eram destruidores.



Tentando justificar  
Esse massacre mais vil  
A destruição dos índios  
Pela ponta do fuzil  
Esconderam a cara suja  
Da história do Brasil.

Ao ancorar no Brasil  
As primeiras caravelas  
Pensando que eram as índias  
Aqueles terras tão belas  
Chamaram índios os povos  
Todos que habitavam nelas.

Ao chegarem admirados  
Vendo outra humanidade  
O Pero Vaz de Caminha  
Notícia à Magestade:  
“São bons homens de cor parda  
E de boa simplicidade”:

Viviam aqueles índios  
No nordeste brasileiro  
Que eram os donos da terra  
Não havia desespero  
Não pensavam que existia  
O colono traçoeiro!

Até quinhentos e trinta  
Depois do “descobrimento”  
Não havia conflitos graves  
Pois do europeu todo intento  
Era explorar o pau brasil  
Que era o lucro do momento.

Não se tem como negar  
Que esse tal descobrimento  
Pra aqueles Povos Indígenas  
Foi triste e o maior tormento  
Exploração e matanças  
Que inda hoje há sofrimento!

Os portugueses chegando  
Fizeram capitania  
Dividiram entre eles  
Pra fazerem sesmaria  
Uma coisa muito estranha  
Aos índios não agradaria...

Encontrando a nova terra  
“descoberta” já habitada  
Os portugueses chegaram  
Dividiram a indiada  
Os Tupi (Língua Geral)  
E “Tapuia” (Língua Travada)!

Pois foi pelo litoral  
Que os portugueses desceram  
E os Tupi foram as tribos  
Que primeiro conheceram  
Sendo portanto a sua língua  
Que logo logo aprenderam.

Segundo Horácio de Almeida  
Os Tupi denominaram  
De “Tapuia” os inimigos  
Vencidos que debandaram  
Pra as chapadas dos sertões  
E lá se refugiaram.

Tal nome bem representa  
Não somente o preconceito  
Dos Tupi contra os “Tapuia”  
Mas também reflete o jeito  
De desprezo dos colonos  
Que não os conhecia direito.

Durante os primeiros séculos  
Da tal colonização  
Com aquelas tribos “Tapuia”  
Não houve aproximação  
Pois aos colonizadores  
Não interessava o sertão.

Pereira da Costa diz  
Que os “Tapuia” dominaram  
No início o sul do Brasil  
Até que os Tupi expulsaram  
Daí vasto território  
Cá no nordeste ocuparam.

Os portugueses exploravam  
Os Tupi com mais de mil  
De forma ainda amigável  
Sem a eles ser hostil  
Em troca de bugigangas  
Entregaram o pau brasil.

Colonos aqui chegaram  
Na intenção de prosperar  
Fazer o desmatamento  
E os canaviais plantar  
E uma criação de gado  
Nas fazendas implantar.

Para a indústria açucareira  
Foi trazido o necessário  
Pegaram índios à força  
De um modo muito arbitrário  
Pra trabalhar conformados  
Trouxeram o Missionário.

Foi muito difícil impor  
Aos índios escravidão  
Que do trabalho dos brancos  
Eles não tinham noção  
Muitos morreram na luta  
Ou aceitaram a conversão.

Resistiram fortemente  
A todas operações  
Que o colono arquitetava  
Para “limpar os sertões”  
Fizeram até alianças  
Com tribos de outras Nações.

Até Confederações  
Eles chegaram a formar  
Para assim a atrocidade  
Do invasor poder enfrentar  
E em guerras e guerrilhas  
Partiram para lutar.

É a tal “guerra dos bárbaros”  
A luta que foi travada  
Entre colonos e “tapuia”  
Pelos sertões e chapada  
Por causa da expansão  
Da criação de boiada.

Pela metade do século  
Dezessete iniciou  
Aquela terrível guerra  
Que a muita gente matou  
Cerca de sessenta anos  
Foi o tempo que durou.

Entre os chamados "Tapuia"  
Um grupo se destacou  
Por ter na "guerra dos bárbaros"  
Sido o que mais lutou  
A Nação TARAIRIÚS  
Que no Nordeste habitou.

Em doze tribos então  
Tal Nação se dividiu  
Chegando ao interior  
No sertão se repartiu  
Conforme Horácio de Almeida  
Assim se distribuiu.

No chão de além de Borborema  
Os Pegas e os Ariús  
E dominaram o planalto  
Os de nome Sucurus  
Do Apodi ao Jaguaribe  
Se arrancharam os Paiacus.

Lá no médio Paraíba  
Eram Bultrins que habitavam  
Pelo Rio Grande do Norte  
Coremas Panatis estavam  
De Araruna ao Potengi  
Os Jandui dominavam.

No litoral cearense  
Os Tremembé fazem vida  
No Vale do Rio Peixe  
Os Icó tem suas guarida  
Aponorijons Pajokes  
Em área não definida.

Que jeito tinham os “Tapuia”  
Nos conta Ambrósio Brandão  
Como usavam as mulheres  
Eles tinham ó cabelão  
Eram bastante temidos  
Por toda a sua região.

E bastava um só “Tapuia”  
Passar que muitos fugiam  
Quando entravam nas aldeias  
Tomavam tudo o que viam  
Dos outros índios as mulheres  
Levar eles conseguiam.

Ferozes e truculentos  
Silvestres u’a gente brava  
Com seus ritos tão ferinos  
Assim o cronista julgava  
“eram piores que todos  
que no Brasil já morava”.

Eis que os colonizadores  
Tais imagens empregavam  
Aos indígenas guerreiros  
Porque estes demonstravam  
A sua forte resistência  
Quando aqueles atacavam.



O termo “guerra dos bárbaros”  
Não apenas exprimiu  
A noção de valentia  
Com que o índio resistiu  
À ação do português  
Que a sua terra invadiu.

Os portugueses porém  
Que eram bem preparados  
Contavam com outros grupos  
Com quem já estavam aliados  
Contra os índios oprimidos  
Que estavam organizados.

Mesmo assim os Tarairiús  
De cabeças levantadas  
Lutaram contra o invasor  
Um as tribos isoladas  
Muitas para ampliar forças  
Marcharam confederadas.

A tática dos invasores  
Era exaltar a divergência  
E a discórdia entre os índios  
Pra que sua resistência  
Fosse aos poucos fraquejando  
E assim pedissem clemência!

É preciso esclarecer  
Não nos contaram a verdade  
Os índios que aqui moravam  
Não formavam uma unidade  
Pois em meio algumas tribos  
Já havia inimizade.

As rixas e inimizades  
Entre as tribos ajudaram  
A alguns colonizadores  
Que deste modo ocuparam  
O território dos índios  
E no fim os escravizaram.

Na pecuária esses povos  
Resistiram à escravidão  
Fato que também explica  
Porque a penetração  
Pelos sertões do Nordeste  
Teve longa duração

E assim a "guerra dos bárbaros"  
Que foi a mais prolongada  
Resistência dos Índigenas  
Foi também considerada  
Maior obstáculo à expansão  
Da pecuária desregrada.

Essa guerra aconteceu  
Em nosso grande sertão  
Onde hoje corresponde  
Da Bahia ao Maranhão  
Sendo a maior resistência  
Contra a colonização.

Pelo Rio Jaguaribe  
No Ceará penetraram  
Nos sertões do Piauí  
Da Paraíba chegaram  
Não foi fácil a invasão  
Pois resistência encontraram.

Da ribeira do Acu  
No Rio Grande do Norte  
Nos sertões de Pernambuco  
Índios tiveram a má sorte  
De encontrarem o Português  
Que com as armas era forte.

Os portugueses queriam  
Colonizar o Nordeste  
Avançar cada vez mais  
Por este sertão e agreste  
Só que nunca imaginaram  
Que o Índio é “cabra da peste”!

É importante aqui dizer  
Que essa guerra acontece  
Depois de quase três séculos  
De conflito que se deu  
Entre os Índios e os colonos  
Que a História não escreveu.

Martin Afonso de Sousa  
Foi o primeiro a chegar  
Na expedição portuguesa  
E sua meta era livrar  
Toda a costa brasileira  
de outro navio que ancorar!

E assim “estabelecer  
As bases pra produção”  
Do açúcar no litoral  
Que pra sua exploração  
Eles trouxeram peritos  
Com mudas pra plantação.

Pra garantir mão-de-obra  
Para plantação da cana  
Fizeram do índio escravo  
Nisso a história não se engana  
E o fruto do seu trabalho  
Ia pra "Corte Soberana"!

E os Tupi inconformados  
Com sua vida escravizada  
Com os portugueses lutaram  
Ficando assim registrada  
Pra as bandas de Pernambuco  
A primeira luta armada

A Vila de Igarassu  
Tal conflito originou  
Sendo a primeira cidade  
Que no Brasil se fundou  
E foi a partir daí  
Que a paz nunca mais voltou!

Os índios se aperceberam  
Que com aparente amizade  
Os colonos pretendiam  
Não só suas propriedades  
Mas também violentar  
Sua sagrada liberdade!

Com a chegada dos primeiros  
Donatários ao Brasil  
Para quem foi dado terras  
A paz por aqui sumiu  
Pois foi até permitido  
Escravizar o "gentio".

A partir daí começa  
Toda a colonização  
Com a chegada desses cabras  
Começou a confusão  
Tendo a revolta dos índios  
Como forte reação.

As terras do litoral  
Para o colonizador  
Eram muito bem rendosas  
E de bastante valor  
Pois a empresa açucareira  
Tinha ali o seu vigor!

Foram os Tupi-Guarani  
Kaeté e Tobajara  
E ainda os Amoipira  
E também os Potiguara  
Que enfrentaram os europeus  
Com cacete flexa e vara...

“As tribos sobreviventes  
Daquele choque acuadas”  
Não se sentiram capazes  
Pois estavam desarmadas  
Pra barrar esses colonos  
Que não respeitavam nada.

Por isso do litoral  
As pressas se retiraram  
E pra as bandas do sertão  
Muitos deles se mandaram  
Deixando pra trás suas terras  
Que os brancos deles tomaram.

Mil quinhentos e sessenta  
A mil quinhentos e oitenta  
Índio Tupi-Guarani  
No Maranhão não agüenta  
Avançando para o norte  
O sertão brabo ele enfrenta.

Embora os índios Tupi  
Tenham tido na história  
Da resistência dos índios  
Participação notória  
Falar aqui dos “Tapula”  
É tarefa obrigatória.

“Não podemos precisar  
Com bastante exatidão  
O início dessa guerra  
Pois a documentação  
Diverge a este respeito”  
Mas se tem firme noção.

Mil seiscentos cinquenta e quatro  
A vinte e nove de abril  
Dom João IV mandou dar  
Terras aqui no Brasil  
Ao soldado que na guerra  
Contra o holandês foi servil.

Foi então que começou  
Doações de sesmaria  
E aí o povoamento  
Mais intenso se fazia  
Por esse sertão afora  
E a guerra provocaria.

João Fernandes Vieira  
O comandante da guerra  
Dos lusos contra os flamengos  
De Dom João recebe terra  
Pra as bandas de Pernambuco  
Do sertão ao pé da serra.

E nas décadas seguintes  
— eita que cabra de sorte —  
Recebeu na Paraíba  
E no Rio Grande do Norte  
De Dom João mais sesmarias  
Tornando-se então mais forte.

Mil seiscentos cinquenta e cinco  
João Fernandes na verdade  
Governando a Paraíba  
Cometeu uma crueldade  
Contra os índios Jandui  
Que viviam em liberdade.

Quatro índios João Fernandes  
Num só dia ele prendeu  
E como presente ao Rei  
De Portugal remeteu  
Pra mostrar que o serviço  
Na verdade aconteceu.

Os “Tapuia” Jandui  
Parceiros dos holandeses  
Na época da expulsão destes  
Foram contra os portugueses  
Que passaram a odiá-los  
Atacando-os várias vezes.

Esses Índios Jandui  
Por serem os mais sofredores  
Formaram o primeiro grupo  
Que depois de tantas dores  
Se puseram em pé de guerra  
Contra os colonizadores.

Pro nosso Índio foi duro  
Mais tristeza que alegria  
A partir de então os conflitos  
Em suas terras reinaria  
Que aumenta com as doações  
Das primeiras sesmaria.

Na década de sessenta  
Pra conquistar o sertão  
Da Paraíba pediram  
Mais gente com munição  
Pois temiam que se alastrasse  
Do Índio a rebelião.

Formaram-se duas Bandeiras  
Que eram como expedição  
Theodósio de Oliveira  
Teve forte atuação  
Ao comandar a primeira  
Pra conquistar o sertão.

Em maio de noventa e nove  
Há um documento datado  
Que vem lá da Paraíba  
Deixando o Rei bem informado  
“Que em Piranhas Piancó  
Há sertão despovoado”.



Contra os Índios Sucurus  
Conflitos foram travados  
E os sertões desses distritos  
Ficaram desocupados  
E acharam conveniente  
Povoar ali com gados.

E na década seguinte  
Desta vez lá nos sertões  
De Rodelas Pernambuco  
Tivemos rebeliões  
“Tapuia” contra colonos  
Por causa das invasões.

Os índios aí fizeram  
Até Confederação  
Pra lutar contra os colonos  
Que faziam a invasão  
Pois nesta hora entre os índios  
Não havia desunião...

Como a coisa tava grossa  
Para o lado do invasor  
Foi Manuel de Araújo  
— chefe colonizador —  
Procurar sozinho os índios  
Para a paz ali propor.

Pra as bandas do Piauí  
Ao mesmo tempo ocorriam  
Rebeliões dos Gurguéia  
Contra os lusos que invadiam  
Mataram e afugentaram  
Gados que lhes pertenciam.

Francisco Dias de Avila  
Domingo Afonso Certão  
Eram dois sesmeiros donos  
De terras na região  
Dadas por Fernão Coutinho  
O Governador de então.

E Domingos Jorge Velho  
Que depois por lá chegou  
Já vinha lá de São Paulo  
Por onde índios matou  
Recebeu também as terras  
Além das que conquistou.

E depois da resistência  
No Piauí o que se viu?  
Estevão Baião Parente  
Paulista que reprimiu  
A tudo o quanto foi índio  
Que ao invasor reagiu.

Foi na década de oitenta  
Que toda a hostilidade  
Dos índios contra os colonos  
Acirra-se de verdade  
Pra criar gado tomavam  
Do índio a propriedade.

E também a população  
Aumentava a toda sorte  
Na ribeira do Açú  
No Rio Grande do Norte  
Com a chegada do invasor  
Que se dizia homem forte.

Mil seiscentos setenta e seis  
Foi a partir de então  
Que as primeiras sesmarias  
Suríram na região  
E os índios se levantaram  
Contra aquela arrumação.

Além de querer expandir  
Sua criação de gado  
O colono também estava  
Bastante preocupado  
Que pelos contrabandistas  
O índio já estava armado.

Há mais ou menos dez anos  
Que os colonos começavam  
A descobrir estes campos  
Onde os "Tapuia" habitavam  
Eram vaqueiros com gado  
Que seus currais fabricavam.

A medida em que os colonos  
Para o sertão avançavam  
Contra eles os "Tapuia"  
Pra se defender lutavam  
Por serem muitos a guerra  
No início eles ganhavam.

Com tanta perda os colonos  
Passaram a se preocupar  
E as suas autoridades  
Começaram a pressionar  
Pra mandar contra esses índios  
Expedição militar.

Atendendo assim às pressões  
Na época foram formadas  
Várias Companhias de Terço  
Pra ajudar nas emboscadas  
Contra os Índios resistentes  
Que eram duro nas paradas...

Nessas Companhias de Terço  
Capitães de Infantaria  
Seus soldados e alguns Índios  
Para o combate seguia  
Índios que eles retiravam  
Das aldeias que havia.

Participaram também  
Criminoso degredado  
"Pois recebiam perdão  
Por seus crimes e pecado  
Se lutassem contra os "bárbaros"  
Durante o conflito armado!"

Nem o colonizador  
Estava tão preparado  
Pra aquele tipo de luta  
Que os Índios tinham travado  
Isso explica porque o tempo  
Da guerra foi prolongado.

A situação geral  
Dos sertões era dramática.  
Para os colonizadores  
Que eram incapazes da prática  
De conter o ataque indígena  
Em que a emboscada era a tática.

Narra assim Manoel de Abreu  
Soares sobre a emboscada  
Pra ele os índios faziam  
A guerra só com cilada  
É assaltos como um raio  
Que passa e ninguém vê nada.

Em resposta a tudo isso  
O Governador Geral  
Do Brasil Mathias da Cunha  
Numa carta oficial  
Ordena a Manoel de Abreu  
A dar o golpe mortal.

Para ficar de exemplo  
Pra toda aquela nação  
Que confederada a eles  
Resistirem à operação  
Da expansão da pecuária  
Por todo aquele sertão.

Noutra carta que escreveu  
Privilégios concedia  
A todos participantes  
Das "famosas" Companhia  
Para ver se nessa guerra  
O sucesso alcançaria.

Por causa dos privilégios  
Que deram às autoridades  
Cometeram-se excessos  
De matanças atrocidades  
Degolaram alguns cabos  
Chefes das comunidades.

Sobre este assunto o Monarca  
Fez uma repreensão  
A Manoel de Abreu Soares  
Que exagerou na ação  
Fora disso não se viu  
Contra ele punição.

Pelo contrário até foram  
Chamados outros “grandões”  
Para combater os índios  
Que faziam rebeliões  
Uma vez que se alastravam  
Por mais distantes sertões.

Entraram também na luta  
Icozinho e Paiacu  
Coremas Pegas Panatis  
Os Icó e Sucuru  
Dos sertões do Ceará  
Também foram os Cratiu.

Para os colonizadores  
A guerra ficou tão feia  
Que em Açú os Índios “Tapuia”  
Nos brancos meteram a peia  
Pra ver se eles aprendiam  
Não mexer em terra alheia!...

Mil seiscentos e oitenta e sete  
vinte e três de fevereiro  
O Senado de Natal  
Num relato verdadeiro  
Dava conta que em Açú  
O “Tapuia” era o primeiro.

Perto de cem moradores  
Eles já tinham matado  
e destruindo as lavouras  
Não escapou nem o gado  
Já não mais eram os colonos  
Senhores daqueles lado!

Pra reforçar a defesa  
E não haver desengano  
Souto Maior enviou  
Em setembro desse ano  
Duas Companhias de Terço  
Conforme exigia o plano.

Mandou para o Rio Grande  
Essas duas Companhias  
Que tinham em seu comando  
Camarão e Henrique Dias  
E exigiu também socorro  
De outras Capitânicas.

Com o mesmo objetivo  
Partiu outra expedição  
De Antonio de Albuquerque  
Que chegou na região  
Em seiscentos e oitenta e quatro  
Pra acabar a rebelião.

E já no ano seguinte  
Uma outra Companhia  
De Antonio Pereira Lemos  
Para lá se dirigia  
Capitão Carlos da Cunha  
Com sua tropa também ia.

Como a resistência indígena  
Mostrava seu grande porte  
Chamaram então um paulista  
Que se dizia homem forte  
Foram buscar em Palmares  
Para o Rio Grande do Norte.

É Domingos Jorge Velho  
Paulista destruidor  
Que no ano oitenta e sete  
O então Governador  
De Pernambuco o mandava  
Pro sertão com seu furor.

Mathias da Cunha ordena  
Que marchasse pro sertão  
Com mais de trezentos homens  
Armados com munição  
E mais dois capitães-mores  
Daquela jurisdição.

Estes com seiscentos homens  
Com os mesmos objetivos  
Partiram para o sertão  
— são bandeirantes ativos  
Conhecedores das táticas  
Usadas pelos nativos.

A fama dos bandeirantes  
De militar excelente  
Astuciosos e rústicos  
Selvagens e brava gente  
Tem sua origem em São Paulo  
Na Vila de São Vicente.



Com a chegada dos paulistas  
Mudou o rumo da guerra  
Favorecendo aos colonos  
Que conquistaram mais terra  
A vitória dos "Tapuia"  
A partir daí se emperra.

As expedições locais  
Há tempo que fracassavam  
Por isso as autoridades  
Em São Vicente buscavam  
Paulistas pra combaterem  
Índios que se rebelavam.

Muita honra e privilégio  
Ao paulista é assegurado  
Podiam até utilizar  
Qualquer índio cativado  
Pois o cativo indígena  
Já estava legalizado.

É a lei do cativo  
Que assegura a permanência  
Dos paulistas nessa guerra  
Aumentando a violência  
Cometida contra os índios  
Em qualquer conveniência.

Chamavam de "guerra-justa"  
Pra justificar o fato  
De caçar a todo custo  
Matando o "índio do mato"  
Pois na lógica dos paulistas  
Resistir é desacato.

E também os moradores  
Para garantirem a terra  
Solicitam a permanência  
Dos paulistas nessa guerra  
Com Domingos Jorge Velho  
Pra ver se a luta se encerra.

Atos de selvageria  
Que os paulistas praticaram  
Chegaram a impressionar  
Aqueles que os contrataram  
Veja aí caro leitor  
A que ponto eles chegaram...

E Domingos Jorge Velho  
Era selvagem de um jeito  
Que Dom Francisco de Lima  
Dele escreveu a respeito  
Do bispo de Pernambuco  
Temos assim seu conceito:

“Um dos maiores selvagens  
Com quem já tenho topado  
Do mais bárbaro “tapuia”  
Não se difere o danado”  
Além de ter sua mulher,  
Era ainda amancebado!

E Domingos Jorge Velho  
Com toda sua valentia  
Na campanha contra os índios  
Essa guerra prosseguia  
Favorável ao “Tapuia”  
Que na luta persistia.

Desde o Rio Grande do Norte  
Pelo Ceará passando  
Paraíba Pernambuco  
Foi ao Piauí chegando  
Pra todas as direções  
A guerra foi se alastrando.

Os soldados sem recursos  
Mais a forte resistência  
Desses índios motivaram  
Haver muita desistência  
Numa Companhia de Terço  
Que já pedia clemência.

Para por fim ao conflito  
O Governador Geral  
Do Brasil Frei Manuel  
Propôs o que achou ideal  
Reunir num só comando  
Toda a tropa oficial.

Mathias Cardoso de Almeida  
Foi paulista convidado  
A formar também um Terço  
E pro sertão foi mandado  
Passou pelo Jaguaribe  
Tendo em Açu se instalado.

Paulistas representavam  
Pro colono e moradores  
Única força militar  
Capaz de acabar suas dores  
Pois da tática dos Índios  
Eles eram sabedores.

Como diz Décio de Freitas  
Não houve rebelião  
De índio aqui no Brasil  
Que não fosse a repressão  
Desses paulistas capaz  
De acabar com sua ação.

Novembro de oitenta e nove  
A guerra já parecia  
Dar os primeiros sinais  
De que logo acabaria  
Muitas tribos destruídas  
O cansaço lhes vencia.

Capitão-mor do Rio Grande  
Agostinho César Andrade  
Em meados de noventa  
Escreve pra a Magestade  
Diz: a guerra com o "gentio"  
Já era tranquilidade.

Mesmo assim algumas tribos  
Continuavam lutando  
Não abriam nem pro trem  
Gado e soldado matando  
Atacaram alguns quartéis  
Que na frente iam encontrando.

Por essa época chegava  
Das bandas de "Orobá"  
Um aviso que os "Tapuia"  
O gado estavam a matar  
Eis que Bernardo Vieira  
Surge para os expulsar.

Com 160 homens  
Bernardo pra lá partiu  
Quase todos os "Tapuia"  
Chegando ali destruiu  
Cativando suas crianças  
E também o mulheroio.

Sentindo-se derrotados  
Os Jandui inda usaram  
U'a tática de resistência  
Que os colonos nem notaram  
Pois um "Tratado de Paz"  
Com Portugal assinaram.

Foi um "Tratado" firmado  
Pelo Rei de Portugal  
E pelo Rei Kanindé  
O Jandui principal  
Talvez assim essa guerra  
Chegaria ao seu final.

Cerca de 13 mil índios  
Com o "Tratado" prometiam  
Que seus 5 mil guerreiros  
Contra todos lutariam  
Em favor dos portugueses  
Mas em troca recebiam.

Uma área de 10 léguas  
Conservando suas aldeia  
E queriam liberdade  
Longe de qualquer cadeia  
Pois ser escravo de branco  
Era coisa triste e feia!...

Em abril de noventa e dois  
O “Tratado” foi firmado  
Porém nesse mesmo ano  
Os brancos tinham formado  
Mais u’a Companhia de Terço  
Sendo o Acordo assim quebrado.

U’a grande seca na época  
Esses índios enfrentaram  
Algumas tribos até  
Ao português se aliaram  
Outras unidades em grupos  
As fazendas devastaram.

No Rio Grande do Norte  
Já bastante enfraquecida  
A resistência dos Índios  
Por um golpe é atingida  
Com a chegada de Navarro  
Outro paulista homicida!

Março de noventa e sete  
Ele vai pra região  
De Açú pra combater  
Os Índios na intenção  
De cativar todos eles  
e depois tomar seu chão.

Entre as tribos Jandui  
E Paiaçu ele instiga  
Discórdia e desunião  
Uma vez que eram inimiga  
Munindo aqueles com armas  
Para que comece a briga.

Sua ação contra os “Tapuia”  
Toda a história nos comove  
As margens do Jaguaribe  
Chegou em noventa e nove  
Com mais de 300 homens  
U’a matança ele promove.

E é sobre uma desculpa  
De combater os Cratiu  
Os Icó e os Carati  
Lá pra as banda do Açú  
Que Navarro envia mensagens  
Convidando os Paiacu.

Os Paiacu receberam  
Navarro com festa e danças  
Quando ordena aos Jandui  
Pra que comecem as matanças  
400 índios mortos  
E prenderam até crianças!

Ficou lá na região  
Até mil e setecentos  
Quando foi preso afinal  
E se deu o rompimento  
De sua Companhia de Terço  
Que causou tanto tormento.

Depois disso inda se viu  
Que as lutas continuavam  
Até mil e setecentos  
E vinte se registravam  
Do Rio Grande ao Maranhão  
Os conflitos estouravam.

Mil setecentos e doze  
Ocorreu outra invasão  
À beira do Parnaíba  
Pra garantir a expansão  
Do gado e contra os índios  
Foi grande a perseguição.

No sertão do Piauí  
Foi grande a barbaridade  
De Antonio Souto Maior  
Que por diversão e maldade  
Vivia a decapitar  
Os índios com crueldade.

Os que viviam em fazendas  
Foram ali se revoltando  
Pois os próprios índios dele  
Terminaram lhe matando  
Do Ceará ao Maranhão  
A guerra foi se espalhando.

Este grande movimento  
Foi por Mandu liderado  
Que durante sete anos  
Por ali foi respeitado  
“Pertencia aos Kariri”  
Era um guerreiro treinado.

Os Tupi no Ceará  
Ao Mandu se associaram  
Contra aqueles fazendeiros  
Que por ali se instalaram  
Destruíram algumas fazendas  
E os donos delas mataram.



Acontece que em Viçosa  
Havia u'a povoação  
Fundada por Jesuítas  
Que controlavam a ação  
Dos seus índios Tobajara  
Que viviam na região.

Foi então os Tobajara  
Muito bem aconselhados  
Por padres e portugueses  
A ficarem organizados  
Para combater Mandu  
E seus índios aliados.

Uma grande expedição  
Foi então organizada  
Pra matar Mandu Ladino  
Com toda a sua indiada  
Terminaram conseguindo  
E a guerra tava acabada.

E assim nosso valente  
Nordeste silenciou  
Depois dessa guerra o branco  
Quase tudo dominava  
Naquele vasto sertão  
Que livre pro gado estava.

E agora nós falaremos  
Sobre o desentendimento  
Entre os colonizadores  
Que apesar do mesmo intento  
Entre sí se divergiam  
Quanto ao seu procedimento.

Na época dos Apóstolos  
A igreja foi sofredora  
Reis pagãos a perseguiram  
Com guerra destruidora  
Depois dessa fase a Igreja  
Passa a ser perseguidora.

Vendo os reis que suas torturas  
Contra os cristãos não dão jeito  
Estes aumentavam mais  
Seus métodos perdem o efeito  
É quando os torturadores  
Bolam outro mais perfeito.

Resolvem ingressar na Igreja  
Com a intenção dominadora  
Fazendo dela um instrumento  
Da classe possuidora  
Deixando de perseguí-la  
Tornando-a perseguidora.

Três séculos depois de Cristo  
É forte a religião  
Instaura-se a Guerra Santa  
Imposta ao mundo pagão  
Pra sob pena de morte  
Aceitar a conversão.

Mil e quinhentos na Europa  
Lá na Espanha e Portugal  
A religião católica  
Era a crença oficial  
Aliada e submissa  
As ordens imperial.

Levar a fé aos gentios  
Já era velha a questão  
Entre São Pedro e São Paulo  
Havia essa discussão  
Pois esses eram mais aptos  
Pra aceitar a conversão.

Pois é nesse imperativo  
Que o missionário aqui vem  
Levar a fé aos gentios  
Seja por mal ou por bem  
Porque as ordens do seu Rei  
São ordens de Deus também!

Por isso é que eles vieram  
E assim cumprir sua missão  
De catequizar os índios  
Impondo-lhes conversão  
Já que a ordem maior era  
Levar-lhes a Salvação.

Baseados no princípio  
Que os gentios são preferidos  
Seguem este imperativo  
Salvar os que estão perdidos  
Elaboram-se até normas  
Com seus pontos definidos.

No Brasil as terras foram  
Entregue aos governadores  
Que mediram grandes glebas  
Para os colonizadores  
Que colocaram reдеiros  
Vaqueiros e moradores.

Portugal não tinha grana  
Pra conquistar essa terra  
Cedia-a aos que conquistassem  
Os índios fazendo guerra  
Já também sob cobiça  
Da Holanda França e Inglaterra.

Desde o começo da guerra  
A Coroa permitia  
Que quem conquistasse a terra  
Recebia-a em sesmaria  
E os índios como cativos  
Com o sesmeiro ficaria.

Porém o missionário  
Que comandava a missão  
Que veio formar aldeias  
Tem outra concepção  
Pra subordinar o índio  
E sua utilização.

É contra escravizar o índio  
Que aceitar a conversão  
E também ser aldeado  
A fim de entrar pra Missão  
Pra ele esse índio é bom  
Merece a preservação.

Pra ele os índios do mato  
Que estão com o Pajé não prestam  
Não aceitam aldeamento  
Os missionários detestam  
Pra esses só o extermínio  
E o cativo é que restam.

Os missionários queriam  
Com todo Índio aldeado  
Torná-lo trabalhador  
Útil e disciplinado  
Adaptado ao projeto  
Do Brasil colonizado.

Entre todos que na guerra  
Foram co-participantes  
Moradores missionários  
Sesmeiros e bandeirantes  
Para impor os seus projetos  
Trocaram acusações constantes.

Pra guerrear Portugal  
Com todos faz aliança  
Quando está no fim da guerra  
Lá vem a grande cobrança  
Missionários e Sesmeiros  
Paulistas entram na dança.

“Guerra justa” era uma norma  
Para a conciliação  
Entre os grupos que na guerra  
Têm a participação  
Onde alguns queriam os Índios  
Só para escravização.

Pois os Índios das missões  
Que se encontravam aldeados  
Nas normas da “guerra justa”  
Não seriam escravizados  
Só os que na mesma guerra  
Fossem pois capturados.

Todos os Índios na guerra  
Que fossem porém apanhados  
Aqueles que insubmissos  
Estivessem revoltados  
Podiam pelos sesmeiros  
Serem pois escravizados.

Ao chegarem os missionários  
Tinham seus planos de ação  
Escoltados por soldados  
Com armas e munição  
Recrutavam Índios no mato  
Pra compor a Missão.

Rompiam os sertões fechados  
De mato feras e rios  
Arriscavam a própria vida  
Enfrentando desafios  
Na obrigação de levar  
A fé até os “gentios”.

Desse jeito muitos Índios  
Detidos por munição  
Eram também aldeados  
Para a catequização  
Depois de catequizados  
Entravam para a Missão.

Começam as primeiras brigas  
Com os Tupi no Igarassu  
Em Rodelas com os “Tapuia”  
Desembocando em Açú  
Onde é complementado  
No Piauí com Mandu.

Pra derrotar os “Tapuia”  
Foi grande a concentração  
Foram usados vários planos  
Para sua destruição  
Ciladas e cativeiros  
E a desaculturação.

Primeiro passo que deram  
Foi para acabar de vez  
Com a língua que eles falavam  
Ensinando o português  
De vinte e dois idiomas  
Hoje só lhes restam três.

Depois vem a religião  
Que pouco a pouco acabaram  
Os índios tinham seus deuses  
Em quem sempre confiaram  
Mas aos poucos os missionários  
O deus Tupã inventaram.

“Boi Tatá o deus do fogo  
Iara (água do rio ou mar)  
Curupira está no mato  
Jurupari deus do ar  
O padre diz: só a Tupã  
Por medo devem adorar...

Por fim os padres mudaram  
Comportamentos morais  
Daqueles Povos Indígenas  
Pois diziam que eram imorais  
Como os índios praticavam  
Seus atos sexuais.

Por isso lá nas aldeias  
Índios eram separados  
Seus atos sexuais  
Não podiam ser praticados  
Em qualquer tempo ou lugar  
Mas tinha horários marcados.

Como eram essas aldeias  
Vamos fazer um relato  
Fazendo a comparação  
Com o que parece de fato  
Pois temos muitas cidades  
Que herdaram aquele formato.

São casinhas monogâmicas  
Que mais parecem com celas  
Feitas em praças redondas  
Os casais morando nelas  
A aldeia formando um círculo  
A Igreja no meio delas.

E na aldeia vive o Índio  
À margem da sociedade  
Tratado com preconceito  
Com inferioridade  
Sob o jugo dos que olham  
Com superioridade.

Durante a "guerra dos bárbaros"  
Outra guerra se desdobra  
Para implantar seus modelos  
É cobra engolindo cobra  
Para a ocupação das terras  
E o uso da mão-de-obra.



É a Chamada “guerra branca”  
Para aumentar o problema  
Além da guerra com os índios  
Eis aí outro dilema  
Cada qual quer ter mais vez  
Para impor o seu esquema.

É porém muito difícil  
Manter índios aldeados  
Por serem pelos paulistas  
e sesmeiros cobiçados  
Por saberem trabalhar  
Eram mais valorizados.

São os índios reduzidos  
Em tribos muito pequenas  
Da “mãe terra” foram expulsos  
Traumatizados das cenas  
Identidades confusas  
Fingidas almas serenas!

Em Rodelas Pernambuco  
Há tratamentos hostis  
Índios eram escravizados  
Nas fazendas pastoris  
De uma tal “Casa da Torre”  
De formas cruéis e vis.

Mil seiscentos e setenta  
Entre os fazendeiros delas  
E os confrades capuchinhos  
Travam primeiras seqüelas  
Quando iniciam as missões  
Pelos sertões de Rodelas.

Mantendo no cativeiro  
Os índios escravizados  
Perder essa mão-de-obra.  
Ficavam contrariados  
Tentavam impedir que os índios  
Fosse em missão aldeados.

Criam conflito com o padre  
Francês Martinho de Nantes  
Era a terra das missões  
Sob cobiças constantes  
E os índios sofrendo excessos  
E abusos todos instantes.

Francisco Dias de Ávila  
Da Casa da Torre o dono  
Vendo índios aldeados  
Nas missões perdeu o sono  
Atenta contra as aldeias  
Pra vê-las em abandono.

Mandam soltar animais  
Nos roçados das aldeias  
De Acarapá e Pambu  
Tornando a situação feia  
Uma no meio de tanta  
Crueldade que campeia.

Francisco Dias de Ávila  
Um dos maiores sesmeiros  
Possuía em Rodelas  
Quase que os sertões inteiros  
Quer escravizar os índios  
Através de cativeiros.

Lá na aldeia de Pambu  
Cujo chefe da missão  
Frei Anastácio Audierne  
Relata a situação  
Ao saber o Rei emite  
Esta notificação:

“Lamento o impecilho e dano  
Que Ávila está cometendo  
De impor a fé aos “gentios”  
O que a Missão está fazendo  
Serviço de Deus e meu  
Que é o que eu tanto encomendo.

A repreensão do Rei  
Não passa de uma asneira  
Noutro ano Ávila ganha  
Terras em outra ribeira  
Margens dos Rios Gurguéias  
Paraim e de Tanqueira.

Mistério desse provérbio  
Talvez hoje se desvenda  
Quando entre estranhos ou brancos  
Existe alguma contenda  
Costuma-se ainda dizer  
“Quem for branco que se entenda”.

Aparentemente foram  
Os “Tapuia” dizimados  
Ficando então os sertões livres  
Pra serem reocupados  
Fertilizados com os restos  
Mortais dos índios tombados.

Restam índios aldeados  
Reduzidos em Missões  
Os que eram insubmissos  
Fazendo rebeliões  
Além de presos sofriam  
De vez em quando invasões.

As normas da “guerra justa”  
Anda em completo abandono  
Os sesmeiros e os paulistas  
Dos índios querem ser dono  
Nisso há briga entre paulistas  
Missionários e colono.

Berta Ribeiro nos diz:  
“Franciscanos acusados  
De utilizarem os índios  
Que já viviam aldeados  
Tocam pra Minas Gerais  
Umam manadas de gado.

Mais ainda os capuchinhos  
São acusados também  
De usar índios Tamamquim  
Os Ori e Araquen  
Pra combater índios “brabos”  
Que pra as aldeias não vêm.

E nos trabalhos forçados  
Os Sacurin correm risco  
Kren Paiaia e Jacuípe  
São levados pro arisco  
Para as Minas de salitre  
Que ficam no São Francisco.

E que as denúncias são feitas  
Pelas próprias tribos mansas  
Intimamente invadidas  
Vistas com desconfianças  
Depois de serem esmagadas  
Tratadas como crianças.

Mil seiscentos e oitenta  
Há também outra questão  
Os colonos invadiram  
Um terreno da Missão  
Um carmelita se queixa  
Ao Monarca da invasão.

Lá pra mil e setecentos  
O Rei atende a clemência  
“Dê pra Missão uma légua  
de terra” a Lei faz ciência  
Mostrando que Igreja e Estado  
Caminham sem divergência.

Paulistas às vezes para  
Mostrar descontentamento  
Tanto roubam pra vender  
Os índios de aldeamento  
Como lhe rolam as cabeças  
Por puro divertimento.

E com os paulistas cobrando  
Recompensas prometidas  
Faz Domingos Jorge Velho  
Contra aldeia investidas  
Leva famílias inteiras  
Pra serem fora vendidas.

É Domingos Jorge Velho  
Paulista conceituado  
Não tem apelo nem lei  
Por ele então respeitado  
Passa por cima de tudo  
Como um ente endiabrado.

Na aldeia dos Jesuítas  
Aconteceu esta afronta  
Capitão-Mor César Andrade  
Feito uma barata tonta  
A Dom Félix Machado  
Escreve assim dando conta.

Diz este Capitão-Mor  
Do Rio Grande do Norte  
Domingos Jorge pratica  
Invasões roubo até morte  
Vende índios batizados  
Por cativos triste sorte...

Mil seiscentos noventa e um  
Dia trinta e um de janeiro  
É a data que a mesma carta  
Fez lá no Rei paradeiro  
Como resposta ele ordena  
Punição pro desordeiro.

São muitas atrocidades  
Ao índio em fins de conquista  
As punições não se cumprem  
Contra sesmeiro e paulista  
Só uma contra o Navarro  
Muito leve se registra.

Como hoje a impunidade  
Era no Brasil de ontem  
Não há nem computadores  
Que os crimes impunes contem  
Não há lei e nem justiça  
Que aos potentados afrontem.

Sabe-se que Jorge Velho  
Títulos e terra inda ganha  
De “Coronel pacifista”  
Pelo terror e façanha  
Com que destruiu Palmares  
No tempo dessa Campanha.

Mil seiscentos e noventa  
E nove lá no Açú  
Manoel de Moraes Navarro  
Cometeu a sangue cru  
O mais bárbaro massacre  
Na aldeia dos Paiaku.

Sendo Padre João da Costa  
O Chefe daquela aldeia  
Do grupo Oratoriano  
Cujo massacre alardeia  
Temendo o poder da Igreja  
Navarro um pouco receia.

Padre João denunciando  
Ao Rei essa guerra injusta  
Diz que o paulista Navarro  
A nenhuma lei se ajusta  
E Navarro diz que o padre  
É quem impede a “guerra justa”.

O padre diz é mentira  
Não impeço de modo algum  
Só peço que aos índios mansos  
Não lhes faça mal nenhum  
As guerras do Rei são justas  
As Missões ao bem comum.

Em carta ao Rei contra o padre  
Navarro faz outro apelo  
Ao denunciar que ele  
Com a Missão não tinha zelo  
“O massacre foi o padre  
Que pediu pra eu fazê-lo”.

Navarro continuava  
A afirmar que Padre João  
Com ele então concordava  
No massacre da Missão  
Reverteu-se contra si  
A sua difamação.

Dom Frei Francisco de Lima  
Bispo da Jurisdição  
Que começa em Paraíba  
Indo até ao Maranhão  
Junto com o clero decide  
Ao Navarro excomunhão.

Navarro antes do massacre  
Havia solicitado  
Dois Jesuítas baianos  
Que pro Açu foram mandado  
Pra organizar duas aldeias  
Pra isto foram chamado.



Foram João Gincel e Felipe  
Com uma educação de berço  
Que contrariando ao Bispo  
Sem mudar de adereço  
Dão parecer favorável  
A Navarro e ao seu Terço.

Aqui se vê desavenças  
Também na religião  
Pois existem divergências  
Nas formas de atuação  
São ciúmes e disputas  
Por Índios e região.

Enquanto Mestres de Campos  
Enfrentam os Capitães-Mores  
Travam acusações recíprocas  
Por privilégios maiores  
Os sertões pegavam fogo  
Por todos os arredores.

Bernardo Vieira de Melo  
Era um dos singulares  
Terras e engenhos herdou  
Do pai em vários lugares  
Mais terra e títulos ganhava  
Na guerra contra Palmares.

São vinte léguas de terra  
Desde a serra do Jupi  
Até Garanhuns e Cimbres  
Beirando os rios dali:  
Una Ipojuca e Jacuípe  
Que cortam os sertões ali.

Por seu combate a Palmares  
Ganhou títulos de horror  
Do Rio Grande do Norte  
Se torna governador  
E pras bandas de "Orobá"  
Causa aos "Tapuia" terror.

Mil seicentos e noventa  
E cinco o Rei oferece  
Dia 8 de janeiro  
Bernardo Vieira cresce  
Capitão Governador  
Estes títulos merece.

Vieira é Governador  
E também Capitão-Mor  
E na ribeira do Açu  
Massacra índios sem dó  
Formando ali um Arraial  
Tornando-se então o maior,

Diz a carta que o nomeia  
"Com zelo e disposição  
Reduz os gentios à paz  
Causando a povoação  
Sossega a Capitania  
Com justiça e retidão.

Por se dizer ter levado  
Paz aos "Tapuia" ativista  
Foi então condecorado  
Como também pacifista  
Travando ali um conflito  
Com o tal Navarro o paulista.

Entre Bernardo e Navarro  
Uma relação se emperra  
Não só temem a concorrência  
Pelo comando da guerra  
Mas a mão-de-obra indígena  
E a ocupação da terra.

Contra o Terço do Paulista  
No Açú entrincheirado  
Bernardo diz que esse Terço  
Precisa ser retirado  
Pra não inquietar os índios  
Por ele já apaziguados.

Navarro escreve ao Monarca  
Pra desse caso tratar  
Diz que na paz dos "Tapuia"  
Não se pode confiar  
E tenta acusar Vieira  
De outro particular.

Diz que Bernardo Vieira  
Com Afonso Maranhão  
Instigaram outros índios  
Contra os índios da Missão  
Onde Felipe Bourel  
Faz a catequização.

O Governador Geral  
Quer o fim da rivalidade  
Pede a Navarro respeito  
A Vieira autoridade  
"Desunião nos que mandam  
Desagrada a Magestade".

Mais que disputa de terra  
Mão-de-obra e honraria  
Em submeter o outro  
O conflito consistia  
É isto o que se percebe  
No que Navarro dizia.

“Vieira é Governador  
Eu sou um Mestre de Campo  
Nem me afogue com sangue  
Ou morra arrancando o tampo  
Não sendo que eu mande nele  
Não me topo com esse “trampo”.

Quando Padre João da Costa  
Tenta numa reunião  
Com este Mestre-de-Campo  
E Vieira o Capitão  
Para que na sua aldeia  
Não houvesse outra invasão.

Hoje o poder dominante  
Junto com a Igreja aliada  
Celebram os 500 anos  
Como uma santa jornada  
Rogando as bênçãos das almas  
Por eles sacrificada.

Igualmente a Jesus Cristo  
Morto pelos seus algozes  
Os portugueses agiram  
Com os instintos mais ferozes  
Exterminando os “Tapuia”  
Sufocando suas vozes.

Como os “Tapuia” Jesus  
Também sofreu apanheio  
Que despojando-o das vestes  
Dividiram-na no meio  
Entre conflitos e festas  
Tiram da túnica sorteio.

A verdade é que o “Tapuia”  
Não só foram despojados  
Dàs vestes terra e cultura  
Foram os próprios disputados  
Para quem iam e como  
Seriam subordinados.

Muitas terras existiam  
Quase em completo abandono  
Mas que em posse legal  
Veze em mão de um colono  
Onde vinte e trinta léguas  
Tinha deles que era dono.

Entre os colonizadores  
Uma guerra era travada  
E os índios também agindo  
De forma confederada  
Por isso a “guerra dos bárbaros”  
Tornou-se mais demorada.

Nações que viviam livres  
Com toda a sua autonomia  
Não conhecia a maldade  
Nem tamanha tirania  
Se nalguma espécie humana  
Essa maldade existia.

Podia entre os Indígenas  
Haver brigas é verdade  
Eles sabiam contê-las  
Na sua simplicidade  
Aliavam-se também  
Conforme a necessidade.

As suas inimizades  
Tem diferenciação  
Das guerras feitas por branco  
Que quanto à destruição  
Compromete a existência  
Da futura geração.

São guerras hoje travadas  
Com bombas poluidoras  
Abalam o sistema cósmico  
Com armas demolidoras  
Causam desgraça às nossas  
Posteridades vindouras.

Lutaram até o fim  
Quando foram dominados  
Porém foi um grande exemplo  
De povos organizados  
E foi assim que viveram  
Os nossos antepassados.

Tomaram a terra dos índios  
Como já foi relatado  
Ficando assim muito ricos  
Pois foi esse o resultado  
Vejam só o que herdaram  
Os invasores malvado.

Mas no fim de cada guerra  
Prum lado sobra tristeza  
Por isso vamos mostrar  
Contando com mais clareza  
O que sobrou dessa guerra  
Para os ricos e a pobreza.

É que pros brancos sobraram  
Léguas e léguas de terras  
Que com a força das armas  
Lutando fazendo guerras  
Deixando Indígenas mortos  
Nas praias sertões e serras.

Eles tomaram as suas terras  
Usando força brutal  
Matando seres humanos  
Como se fosse legal  
Tirar a vida dos outros  
Pra eles era normal.

Os brancos ficando ricos  
Sem gastar nenhum tostão  
Sem esquecer os paulistas  
Maiores da confusão  
Que tanto mataram índios  
Para tomar o sertão.

Muitos dos povos indígenas  
Nas Missões foram forçados  
Pelos padres existentes  
Para serem batizados  
Acabando com as culturas  
Em que estavam acostumados.

Ficando assim toda a Igreja  
Subordinada ao Poder  
Pra ganhar a salvação  
Todo mundo é pra sofrer  
Era o que diziam os padres  
Pros índios lhe obedecer.

Só restou osso espalhado  
Por todo aquele sertão  
Dos nossos queridos índios  
Que habitaram a região  
Foi a herança recebida  
Dos ricos sem coração.

O branco foi para o índio  
Castigador e cruel  
O que fez aqui na terra  
Não pode ganhar o céu  
Só merece chicotadas  
Dadas por São Gabriel.

Ficou no nosso Brasil  
Muita gente audaciosa  
Como também ficaram  
Muitas pessoas medrosas  
Por causa da repressão  
E da guerra tenebrosa.

Mas também sobrou exemplo  
De força e de união  
Demonstrada pelos índios  
Pra combater o Dragão  
O chamado homem branco  
Que lhes fazia opressão.



O Nordeste não calou-se  
Com aquela exterminação  
Continuou a batalha  
Lutando pelo seu chão  
Embora sem muitas forças  
Para enfrentar a opressão.

As tribos sobreviventes  
Não deixaram de lutar  
De fazer as suas festas  
Simples mas bem popular  
Onde vai toda a indiada  
Com os outros a se encontrar.

São festas muito animadas  
O Torém Côco e Toré  
Onde todos dançam juntos  
Homem menino e mulher  
Na festa da indiada  
Só não dança quem não quer.

Trabalham todos em grupo  
Formando um só muirão  
Seja lá na pescaria  
Na caça e na plantação  
Gostam de ficarem juntos  
Em qualquer ocasião.

Toda aquela criançada  
Andando de pé no chão  
Para cima e para baixo  
Vestida só de calção  
Tudo isso é uma herança  
Dos índios e sua lição.

Resistem todas as crises  
De fome seca e de peste  
Grande mal assolador  
Desta região Nordeste  
Onde há Índios espalhados  
Nos sertões praias e agreste.

Gostam muito de poesia  
E também de embolada  
Quando se reúnem em grupo  
Vão até de madrugada  
E ao som de um violão  
Fazem grande batucada.

Os costumes dos Indígenas  
Acontecem a cada instante  
Ser solidários aos outros  
É um ato muito brilhante  
Viver em comunidade  
É a coisa mais importante.

Porque eles têm mais força  
De vencer os invasores  
Que inda hoje continuam  
Nos ricos exploradores  
Que vivem de ameaçar  
Os índios trabalhadores.

O poder dos portugueses  
Continua desde então  
Nos ricos e fazendeiros  
Da praia serra e sertão  
“guerreando” contra o povo  
Que reage em mutirão.

Como reagiram as tribos  
Do Senhor Rei Kanindé  
Contra os colonizadores  
Que estavam aqui de pé  
Para defender suas terras  
Jandui lutou com fé.

Inda hoje continua  
A mesma realidade  
O patrão luta de um lado  
Do outro a comunidade  
E a opressão predomina  
Em nossa sociedade.

Sociedade impedida  
De saber e educação  
Continua analfabeta  
U'a grande população  
A miséria e a pobreza  
É triste a situação.

Todos sabemos que o povo  
do Nordeste brasileiro  
Herdaram muito dos Índios  
Pode ver meu companheiro  
Só diz que isso é mentira  
Quem daqui for forasteiro.

O nosso ponto de vista  
De poeta popular  
É dizer ao Povo Indígena  
Nunca deixe de lutar  
Continue a resistência  
Pra vitória conquistar.

Lutaremos todos juntos  
Pois somos índios também  
Queremos nossa cultura  
Sem ela não estamos bem  
Não queremos nessa terra  
Ser escravos de ninguém.

Queremos é viver livres  
Na terra para plantar  
E assim dizer que ela é nossa  
E ninguém pode negar  
Poder chamá-la de Mãe  
E nela livre morar.

Como podemos calar  
Diante dessa maldade  
Que faz com toda essa gente  
Lhe roubando a liberdade  
Não vamos ficar calados  
Diante da realidade.

Ver os nossos índios mortos  
Que coisa mais triste e feia  
Ou então encarcerado  
Lá dentro de uma cadeia  
Um escândalo muito grande  
É mandar na vida alheia.

A guerra não terminou  
Neste Brasil invadido  
Todo índio continua  
Muito forte e destemido  
Lutando pelo que é seu  
E jamais se viu vencido.

A resistência dos Índios  
Inda hoje está presente  
Contra toda uma política  
Fundária negligente  
Que faz dos Povos Indígenas  
A mais desprezada gente.

No fim dos anos sessenta  
A coisa tava sombria  
Pro lado dos nossos Índios  
Só em Xingu existia  
Uma importante reserva  
Que em sessenta e dois se cria.

O ideal de Rondon  
Aos poucos foi se acabando  
Serviço de Proteção  
Aos Índios se viu criando  
U'a Máquina do Governo  
Não se viu funcionando.

Professor Darcy Ribeiro  
Pesquisando descobriu  
Que setenta e oito Povos  
Foram extintos no Brasil  
E o desaparecimento  
De mais cinquenta previu.

A criação da FUNAI  
Ao invés de melhorar  
A situação dos Índios  
A coisa veio se agravar  
Com a política nociva  
Do Regime Militar.

A Igreja que há muito tempo  
Esteve ao lado do Estado  
Pra destruir esses Povos  
Tem seu projeto mudado  
Hoje a luta e a resistência  
Ela tem estimulado.

Parte da Igreja Católica  
Mudou sua visão de mundo  
Um fruto das exigências  
Do Vaticano Segundo  
Ficar ao lado dos Índios  
É um compromisso profundo.

Surgiram então nessa época  
Várias organizações  
Conselhos Missionários  
E outras Associações  
Em defesa de sua terra  
E também de suas nações.

Surgiu em setenta e oito  
Um Projeto em discussão  
Pra emancipar o Índio  
Transformando-o em cidadão  
Teria sido um atestado  
De morte sua aprovação.

Cerca de cem assembleias  
Já foram realizadas  
Por este país afora  
Organizações criadas  
Conselhos Federações  
De nações articuladas.

Na política dos brancos  
Alguns já participaram  
Não foram bem sucedidos  
Uma vez que não entraram  
No esquema convencional  
Que os grandes arquitetaram.

O Império continua  
Vivo centralizador  
Do jeito de antigamente  
Continua destruidor  
Com a mesma prática usada  
Pelo colonizador.

Em vez de diminuir  
Os Povos estão crescendo  
Também na força política  
Quanta luta renascendo  
Dos setenta e oito extintos  
Vinte estão sobrevivendo.

Mais de duzentas nações  
No Brasil atualmente  
Um cento e oitenta delas  
Falavam língua diferente  
Duzentos cinquenta mil  
São aproximadamente.

Dos cinco milhões de índios  
Que existia antigamente  
Duzentos cinquenta mil  
Tão vivendo atualmente  
Talvez volte a ser milhões  
Quem sabe futuramente...

Enquanto os 500 anos  
De América se comemora  
Tanto Espanha e Portugal  
Fazem festa toda hora  
Outros países preparam  
Mais plano que nos devora.

Foi lançada uma Campanha  
Pelas Organizações  
Indígena e Popular  
Para as comemorações  
Desses tais 500 anos  
Que lhes trouxeram lições.

É com luta e resistência  
Que vamos comemorar  
Buscando o nosso caminho  
Para podermos trilhar  
Discutir nossos problemas  
Pra solução encontrar.

É essa a oportunidade  
Para unir toda essa gente  
Que apesar de massacrada  
Neste grande continente  
Renasce pra construir  
Um futuro diferente.

A Campanha objetiva  
Fazer u'a reflexão  
Sobre tudo que causou  
A grande destruição  
Nesse nosso Continente  
Da sua população.



O segundo objetivo  
Da Campanha é procurar  
A nossa memória histórica  
Pra podermos afirmar  
Toda a nossa identidade  
E o passado resgatar.

Diante da situação  
De opressão pede-se urgência  
A construção de um caminho  
Que nos leve à Independência  
Cremos num mundo de paz  
Sem exploração e violência.

Durante 500 anos  
Outros falaram por nós  
Hoje queremos falar  
E ter nossa própria voz  
Com esta firme consciência  
Na certa não estamos sós.

O nosso Trabalho teve  
Por real finalidade  
Resgatar a nossa história  
Com toda a sua verdade  
Numa versão diferente  
A pura realidade.

Os índios neste Nordeste  
Têm também a sua história  
Têm seus valores de vida  
Suas lutas e vitória  
Pra conservar seus valores  
Não dão a mão à palmatória!

F I M

Fortaleza/Outubro/92



Irmãs Missionárias de N. Senhora  
Padres Combonianos  
Missão Tremembé  
Universidade Federal do Ceará  
(Pró-Reitoria de Extensão)  
Centro Cultural dos Cordelistas do Ceará - CECORDEL



---

1492-1992 - 500 ANOS DE DOR E LUTA

---

Adquira este "romance" pela Cx. Postal 3347-  
Centro - MISSÃO TREMEMBÉ - Fortaleza (CE), e na  
BANCA DO CECORDEL - Praça dos Voluntários -  
Fortaleza (CE)

Sugestão da Capa:  
Rev. MENSAGEIRO, Estudo Nº 6/91

**VALORIZE A CULTURA POPULAR**